

2. “COMO VIVER HOJE O CARISMA DO IRMÃO CARLOS”

Pe. Geraldo Gereon

“Pergunta-me se estou disposto a ir mais longe do que Beni-Abbés para difundir o santo Evangelho; para isso, estou disposto a ir ao fim do mundo e a viver até o Juízo final”.

Essa palavra do Irmão Carlos, muitas vezes citada, encontra o seu reflexo na abertura do diretório da nossa “Fraternidade Sacerdotal Jesus+Caritas”: “Na realidade, é por causa de Jesus e de seu evangelho que nós nos encontramos”. “Sacerdotes diocesanos... somos responsáveis pelo anúncio do Evangelho... somos impelidos pelo Evangelho”. Toda reflexão sobre a nossa espiritualidade característica a ser avaliada, redefinida, novamente assumida com alegria e dinamismo recarregado, tem essa única razão: nós somos apaixonados pelo evangelho: por aquele que fez da sua experiência com Deus uma Boa Nova anunciada e queria depender de seguidores que lhe abrem os caminhos e as porteiras para a sua eterna busca de todos os pequenos e perdidos deste mundo.

As duas palavras “Jesus+Caritas” desenhadas em torno do coração, no qual é implantada a cruz - ou não seria antes a cruz que nasce deste coração? – identificam a nossa Fraternidade. Charles de Foucauld, o nosso irmão Carlos, expressou nesse conjunto de duas palavras com o esboço simbólico da cruz, o conjunto das suas inspirações, experiências e programações. Jesus e seu evangelho fazem ele exclaimar: “Não posso suportar viver outra vida que não seja a sua”.

Irmão Carlos foi beatificado no ano passado. Mais razão, ainda, teríamos nós de olhar esta vida de um santo tão rico em exemplos inspiradores, como também ouvir as suas mensagens transmitidas numa verdadeira biblioteca de escritos deixados para os que querem acompanhá-lo no seu caminho evangelizador. Mas o mesmo Irmão Carlos diz: “Olhem os santos não para imitá-los, mas para imitar Jesus”. Então, querido Irmão Carlos: como poderíamos enxergar na longa e enleada trajetória da sua vida aquilo que nos remete ao seu Bem-Amado?

Irmão Carlos, talvez, apontaria para um texto que ele lia, relia e, sem cessar, encontrava coisas novas: “O Espírito Santo... fez aparecer Jesus Cristo no mundo... Ele já não escreve evangelhos senão nos corações: todas as ações, todas as vivências dos santos são o evangelho do Espírito Santo... Ele escreve um evangelho vivo no presente, saído das impressoras da vida”.

Com outras palavras: Irmão Carlos convida-nos a descobrir, também nele, o impulso do Espírito Santo, o carisma gratuitamente recebido: esse carisma recebido “o leva a imitação de Jesus, seu Bem-amado Senhor e Irmão, nele se dirige ao Pai, e a partir dele se dirige aos irmãos”. O carisma, o dom do Espírito Santo que Irmão Carlos recebeu, é este evangelho vivo para nós, que como dele fez, de nós fará amigos de Jesus, discípulos amados e evangelizadores. Estamos aqui, convocados pelo Espírito Santo. “Quem tem ouvidos, escute o que o Espírito Santo diz às igrejas” (Ap. 2).

Irmão Carlos não agregou, como São Francisco, dentro de pouco tempo, uma multidão de companheiros/irmãos que seguiram às regras do “santo fundador”, devidamente aprovadas pela autoridade romana. Irmão Carlos era como um viajante noturno procurando, no deserto, acertar o rumo da caminhada por onde não havia caminhos bitolados e nem companheiros de viagem. Mas ele deixou rastros nessa corajosa travessia. Nós da família do Irmão Carlos e, como ele, sacerdotes diocesanos, deixando-nos orientar por estes rastros, percebemos que não somos multidão que arrasta. Somos alguns poucos que, às vezes, duvidamos se somos pioneiros da linha de frente, ou aventureiros atrasados em estradas laterais. Mas temos uma alegre certeza: esse caminho com Irmão Carlos é o caminho do Filho de Deus feito homem em busca de seus irmãos amados pelo Pai. O carisma, dom do Espírito Santo, adquire, em cada um de nós, contornos inconfundíveis para alcançar essa única finalidade: andar, á frente de Jesus “para todos os lugares para onde pensava ir” (Lc.10,1)

À luz do carisma de Irmão Carlos, eu gostaria de tentar um testemunho sobre os carismas do Espírito Santo que se manifestaram na minha própria trajetória sacerdotal, durante as quatro décadas nas veredas do grande sertão nordestino brasileiro. Vivo no meio de um povo carente, sofredor, abandonado, sem perspectiva de transformação, enganado e manipulado pelos seus líderes, mal compreendido no seu estágio cultural e sociológico, vítima de vícios seculares, no entanto, corajoso e resistente, mais conscientizado do que se pensa, com grande percepção do que se revela nas entrelinhas, submetendo-se à lógica da pobreza e, ao mesmo tempo, capaz de esperança e otimismo. A sua prática de fé cristã parece bastante ambígua: muitas vezes é pura e autêntica, muito mais do que a minha; mas, às vezes, também parece pouco iluminada, desvirtuada, mutilada, resistente à proposta de sair do mundo das crenças para a prática libertadora da intimidade com o Pai amoroso de Jesus Cristo.

Cheguei, nestes longos anos, no meio do povo sertanejo, a um recuo reverencial cada vez mais acentuado: diante da realidade, que ainda não entendi; diante da minha incapacidade de perceber a ação do Espírito de Deus lá onde, nos moldes oficiais da religião, não é admitida; diante da multiforme cadeia de causas para hábitos e posturas facilmente interpretadas por preconceitos superficiais. Quanto mais conheço o meu povo, mais percebo que não o conheço, mais o devo conhecer. Descobri que é preciso conhecer para poder amar, um conhecimento que não é nenhum levantamento científico, mas uma humilde aproximação de amor e compaixão.

Nunca teria avançado nesta direção sem o que a nossa Fraternidade chama “a regular e prolongada adoração eucarística”. Na mais agitada vida paroquial consigo passar sempre os primeiros momentos do dia diante do sacrário. O pároco das nossas grandes paróquias onde a maioria dos paroquianos não tem a oportunidade da eucaristia semanal, celebra a missa freqüentemente, com as diversas comunidades e em inúmeras comemorações. Ele faz todo esforço de celebrar dentro do sentido litúrgico e na dinâmica popular e participativa. Ele chama e envolve a comunidade. Mas a silenciosa, solitária e prolongada presença diante da hóstia consagrada no sacrário, fora do momento da celebração, é um aspecto complementar no mesmo e único objetivo da eucaristia: Jesus se torna o nosso alimento. Persistindo na meditação, contemplativos nas atividades envolventes do nosso dia a dia, nós evangelizadores somos evangelizados pela boa nova do Deus encarnado.

Na meditação silenciosa diante do pão eucarístico acontece a revelação do mistério dos longos anos de Jesus em Nazaré: o Deus feito homem, o Deus pequeno, o Deus do nosso tamanho, o Deus ao nosso alcance, o Deus ainda menor do que nós.

A biografia do Irmão Carlos tem como ponto central a mística da vida do Deus encarnado em Nazaré. A sua ansiedade de expressar o seu amor a Jesus o levou a “procurar a mais perfeita imitação de Jesus”. Não a encontrou na vida monástica numa ordem contemplativa. Ele afirma: “Não me sentia pronto para imitar sua vida pública na pregação; devia, portanto, imitar a vida oculta do humilde e pobre operário de Nazaré... voltava-me para Nazaré para viver desconhecido como operário, do meu trabalho diário. Estive quatro anos num... recolhimento abençoado gozando dessa pobreza e dessa abjeção que Deus me tinha feito desejar, tão ardentemente, para imitá-lo... Faz um ano que fui ordenado sacerdote e estou tomando medidas para poder continuar no Saara a vida oculta de Jesus de Nazaré, não para pregar, mas para viver, na solidão, a pobreza, o humilde trabalho de Jesus procurando o bem das almas, não por meio da palavra, mas pela oração, a oferenda do Santo Sacrifício, a penitência, a prática da caridade.” Você me pergunta como é minha vida: é uma vida de monge missionário baseada neste princípio: imitação da vida oculta de Jesus, em Nazaré.”

“O verbo se fez carne e habitou entre nós” – professamos essa verdade muitas vezes – é o dogma que cremos sem nenhuma restrição. Mas dizer: “imitar a vida oculta de Jesus em Nazaré” parece uma opção particular feita por alguns, mas não necessária para todos. Eu passei por uma lenta transformação na minha própria biografia de sacerdote, que partiu desta afirmação dogmática para uma clareza, descoberta e vivenciada, quase que exclusiva, na sua conseqüência para o meu serviço à igreja, o povo de Deus: por seu Filho Jesus, com sua face humana, Deus me envolveu a mim e os

meus irmãos, no mistério da sua encarnação. Não tem alternativa: o seguimento de Jesus tem que começar em Nazaré e voltar sempre a Galiléia.

Na prolongada presença diária diante da eucaristia revela-se, para mim, menos o poder milagroso de Deus na transformação do pão no corpo de Jesus, mas antes o despojamento de Deus na transformação do corpo de Jesus no pão. Muitas vezes fico recolhido no silêncio da madrugada, na igreja vazia, olhando para o pequeno sacrário, no coração a pergunta quase angustiante: Como é possível Deus ser tão pequeno, calado, atrás duma portinha, guardado debaixo duma tampa, um pedacinho de pão, esperando ser comido, ainda mais, às vezes, indignamente? Será possível Deus deixar de ser Deus, Deus ser "apenas" humano, escondido, discreto, capaz de ser despercebido até pelos que o consomem?

Nazaré e a eucaristia só permitem uma única interpretação: "...ele esvaziou-se e tomou a condição de escravo...". Nenhum carisma podia ser mais precioso, abrangente e dinâmico do que o mistério de Nazaré assumido por quem quer imitar Jesus. Jesus começou a sua vida na casa de Maria, em Nazaré, e terminou morrendo sendo chamado Nazareno, nome que identificava esta origem e justificava a sua condenação à morte. Irmão Carlos reencontrou o Deus que desaparecera da sua vida, em Nazaré, na sua pequenez, na sua vida insignificante. A conclusão dele não era: este Jesus não pode ser Deus – mas pelo contrário: descobriu que este carpinteiro simples e comum como todos os seus conterrâneos de Nazaré, revela o Deus que nos amou primeiro, apaixonadamente. O carismático Padre Huvelin tinha lhe explicado: "Jesus, em toda sua vida, nunca fez outra coisa senão descer" e também: "Meu Jesus, de tal modo assumistes o último lugar que ninguém pôde jamais arrebatá-lo." O carisma de Irmão Carlos vem dessas raízes e tornou-se concreto no meio dos Tuaregs, na vida no último lugar, no trabalho com as próprias mãos, na identificação com os pobres num pequeno oásis do Saara, na vontade de ficar desconhecido, no apostolado da vida retalhada em trabalhos e gestos que são os mesmos de todas as pessoas do mundo. Acompanhando Irmão Carlos neste seguimento de Jesus de Nazaré teremos, como ele, as nossas visões cada vez mais claras sobre o único caminho possível para o nosso sacerdócio.

A vida do Padre com os seus paroquianos, que ele chama "o seu rebanho", aparentemente não suporta os traços da vida escondida de Nazaré. Nessas nossas grandes paróquias do vasto sertão – e não é diferente nas paróquias urbanas gigantescas – desenvolvem-se as mais diversificadas pastorais, prega-se um Deus das verdades reveladas e dos mandamentos a serem observados. Os grandes eventos, a liturgia, a catequese, a chamada "administração" dos sacramentos, com rubricas que tudo determinam para que sejam válidos e lícitos, são organizados dentro da dinâmica duma grande comunidade com seus diversos ministérios, sem falar da administração burocraticamente organizada, com formulários, carimbos, expediente e envolvimento financeiro. Passei longos anos numa das maiores paróquias da diocese. O carisma de Irmão Carlos que me envolveu cada vez mais, nunca me levou a sofrer algum dilema entre realidades irreconciliáveis, nem a angústias e perplexidades. A longa e lenta meditação do mistério do Deus encarnado, pequeno e limitado, nazareno do nascimento até a cruz e ressurreição, pão na mesa dos nossos altares, presente no meio de pobres e fracassados, fez com que o meu sacerdócio e a atuação na minha igreja cada vez mais se adaptassem a este mistério de Nazaré. Ao lado do Irmão Carlos e dos irmãos da Fraternidade, Nazaré apagou bitolas enganosas da minha teologia e da minha ação eclesial. Nazaré com sua radicalidade me chamou a voltar de Jerusalém onde já estava instalado. O Deus ordinário e leigo, mergulhado no mais profano da humanidade, me fez entender o que é libertação que eu mesmo tinha que experimentar antes de testemunhá-la aos irmãos. A descoberta desta radicalidade de Nazaré tornou-se uma luz serena que ilumina sem cessar o meu caminho. Todo dia acrescento aos mistérios comuns do rosário mais um: meditando como Jesus "descia com José e Maria para Nazaré e era lhes submisso". "Anseio por Nazaré", dizia Irmão Carlos. Nazaré que significa uma espiritualidade, leva a experiências e evidências surpreendentes.

A visão tradicional do sacerdote-pároco, apesar das transformações das últimas décadas, atribui à sua pessoa destaque, estado social elevado, prestígio, privilégios, liderança. A tentação que isto significa, não dá tréguas, desde os tempos dos filhos de Zebedeu. No meio do clero mais novo há

muitos exemplos de uma volta a atitudes clericais aparentemente superados. Convivi por alguns tempos com um clérigo jovem que se recusava a viajar no banco de trás do carro, pior em cima da caçamba da camionete, esperando sempre que o assento da frente fosse desocupado para ele. Conheço colegas novos que só viajam com motorista. Muitos fiéis nas paróquias querem o sacerdote que representa o sagrado e sabe ativar os mecanismos do sagrado, que domine e aplique o poder sobrenatural, proporcione até milagres, faça a religião ser eficiente para o proveito deles. Querem um sacerdote que não seja como eles. Querem submeter-se às normas e regras da religião. Não admitem flexibilidade que acolhe os afastados ou mesmo os fora-da-lei. Simplificam para poder classificar e desclassificar. Não saem da sinagoga de Nazaré nem do templo de Jerusalém. Deus só pode ser como essas pessoas imaginam. Elas não acreditam no padre-nazareno que procura seguir Jesus na obscuridade, na humildade, na obediência, pequeno e escondido. Um padre que varre a sua casa, conserta o seu carro, carrega baldes d'água para a sua casa a fim de banhar e lavar a sua louça, é uma pessoa esquisita, não sabe qual é o seu lugar.

O padre que chega a adotar Nazaré como carisma do evangelho por ele anunciado, cada vez mais renuncia ao poder, não o usa mais, nem mesmo quando os melhores da sua comunidade o reclamam “para o bem do povo”. Eu vi a posse de um bispo transferido para uma outra diocese. Na cerimônia, uma criança lhe entregou o báculo, mas antes deitou este báculo, por alguns momentos, no chão e pediu que o bispo viesse, às vezes, sem ele para ser criança com eles. Parece que, até hoje, o bispo não perdoou ao que inventou este gesto incomum. Eu desconfio que toda a nossa mística de sermos pastores, mesmo bons pastores, não considere a palavra de Jesus de precisar apenas de porteiros que abrem a cancela para ele, o único Pastor. Eu me pergunto se Jesus queria pastores-substitutos. Será que estes, fatalmente, não vão usar poder, em nome dele? Nazaré questiona todo poder, mesmo na minha igreja com sua teologia dogmatizada e suas instituições seculares. A permanente celebração e meditação eucarística me dão esta certeza. Nela surge, cada vez mais nítida, a motivação para todas essas atitudes: “O amor imita e obedece” como dizia Irmão Carlos. Os políticos ruins, quando questionados, dizem: você é do contra, só quer me combater. Se nós, em nome do mistério de Nazaré, questionamos as nossas estruturas de poder, não somos “do contra”, mas descobrimos o carisma da paixão de Jesus por Nazaré.

Quando a minha grande paróquia chegou a ser dividida em três, pedi que pudesse ir a uma das novas a ser desmembrada, bem longe, sertão-a-dentro, lugar do “tudo falta” ou “nunca teve”, bem pequeno, extremamente seco, com uma estrutura eclesial que se resumia em raras visitas do sacerdote, com apenas algumas comunidades de base. Uma outra cidade, bem maior, teria que fazer parte desta nova paróquia de periferia. Houve uma revolta grande, nesta cidade, que não aceitava a sede da paróquia ser aquele povoado pequeno. O próprio bispo queria que eu morasse naquele lugar maior. Na minha discussão com ele citei uma palavra do famoso missionário nordestino do século 19, que deixou a sede da arquidiocese de Recife para viver e pregar no meio do povo abandonado do interior, castigado pela seca, explorado pelos políticos corruptos e desclassificado pelas autoridades eclesiais. Dizia o Padre Ibiapina; “Risquei um pequeno círculo, dentro dele me meti, para escapar ser lembrado, com cuidado me escondi – No centro da caridade coloquei minha existência, no meu ministério ocupado, cercado pela inocência”.

Consegui mudar-me para este “fim do mundo” que outros chamam “o começo do mundo”. As pessoas perguntaram: “O Senhor agora vai ser eremita?” – outros: “O Senhor vai se aposentar?” Como poderiam entender que eu saía em busca “do último lugar?” Eu acho importante que as opções e posturas que assumimos revelem as motivações que nos levam a essas atitudes. Seria pena, se para o nosso povo fôssemos apenas uns “esquisitões”. Teremos de inspirar-nos novamente no carisma do Irmão Carlos que disse; “Toda a nossa vida, por mais silenciosa que seja,... deve ser uma pregação do evangelho pelo exemplo... deve gritar o evangelho pelos telhados, deve transparecer Jesus”.

No entanto, o próprio Irmão Carlos não tem o evangelho a ser anunciado como uma doutrina de verdades eternas. O mesmo mistério de Nazaré mostra que o evangelho vivo de Jesus é a sua presença solidária no meio do seu povo, a causa assumida dos oprimidos e desclassificados da Galiléia. Irmão Carlos, na sua ansiedade por Nazaré, conclui: “...devemos nos voltar especialmente

para os miseráveis, para todos os que o mundo esquece, despreza, exclui: os pobres, os pequenos, os sofredores, os ignorantes, porque tem mais necessidade e menos recursos”.

Na minha longa vida no sertão nordestino, sempre experimentei as calamidades deste povo, seu eterno sofrimento, sua pobreza crônica, o seu abandono. Desde o começo fiz da minha missão evangelizadora um compromisso com os mais pobres. Achei sempre que a famosa “opção preferencial pelos pobres” não nos deixaria livres para fazermos ou não esta opção. Na verdade, foi Deus que fez esta opção. Para nós, não tem mais opção, a opção de Deus tem que ser a nossa. Essa nossa opção claramente é consequência da opção de Deus por Nazaré. O Filho de Deus feito homem não criou um grandioso sistema de assistência social para os pobres de todos os tempos ou, como dizem os políticos, “para erradicar a pobreza do mundo”. Ele se fez pobre para, com os pobres, iniciar o caminho da libertação deles. Irmão Carlos, na sua percepção segura, a partir da permanente contemplação do mistério de Nazaré e do mistério da eucaristia, chegou a esta dupla intuição a respeito dos pobres: primeiro, toda a sua ternura para com os pobres que ele acolhia e assistia com bondade – atitude que ele queria que fosse um sinal da infinita bondade de Deus para com os seus filhos. Essa intimidade com os pobres nascia da sua intimidade com Jesus. Dele os pobres são irmãos, bem-amados como o próprio Jesus. Irmão Carlos fez desta sua identificação com os pobres uma preocupação muito concreta: usou toda a sua criatividade para encaminhar estes pobres a processos de transformação capazes de superar a pobreza: instrução básica sistemática, valorização do trabalho, incentivos para agricultura, pecuária e pequenas atividades industriais, comercialização eficiente dos produtos locais, enfim uma promoção de nômades totalmente vulneráveis pelas intempéries geográficas, climáticas e sócio-políticas.

O carisma de Irmão Carlos tornou-se, mais uma vez, inspirador para nós. Somos da igreja de todos os tempos que nunca deixou de amar com ternura e compaixão os pobres, irmãos de Jesus, e sempre desenvolveu intensa atividade caritativa. Essa longa experiência, porém, deve levar-nos a uma conclusão esclarecedora: não é suficiente trabalhar para os pobres, por mais volumoso que seja este trabalho. É preciso chegar a trabalhar com os pobres, por mais lento que seja este trabalho. Não há chance para uma evolução transformadora, sem que o pobre, como hoje se diz, seja o sujeito da sua história. No nosso trabalho no nordeste brasileiro fizemos muitas experiências dolorosas como também felizes. Aprendemos que não se deve simplesmente implantar projetos. Tentamos sempre perguntar primeiro pelas causas e razões das condições ou práticas existentes, da resistência a propostas aparentemente vantajosas, da lentidão dos resultados que aponta para fatores muito mais complexos do que percebemos à primeira vista. Não é possível chegar a essa sensibilidade no trabalho com os pobres sem beber constantemente na fonte do mistério de Nazaré e da eucaristia. Pode-se adquirir habilidade de análise e pesquisa. Mas o coração compadecido identifica-se com o irmão e sofre as suas dores, carrega consigo o carisma de Nazaré.

É por isso que tenho uma profunda desconfiança das chamadas “parcerias” que governos e repartições oferecem a instituições de ação social da igreja. São recursos canalizados para estas entidades na sistemática burocrática de orçamentos, requerimentos, parcelamentos, decisões deliberativas e prestação de contas. Essa sistemática é necessária na administração pública, mas torna-se perigosa para apagar a chama da generosidade e gratuidade. A “Misereor” da Alemanha, por exemplo, trabalha com apenas 30 por cento dos seus recursos provenientes das doações dos católicos, o resto vem do Governo daquele país. Eu conheço casos de funcionários de entidades mantidas pela “Misereor” no Nordeste do Brasil que tiveram os seus salários atrasados por quatro meses por causa dessas verbas não liberadas. Sem o carisma de Nazaré a igreja vira uma ONG (NGO), mas não evangeliza.

Não podemos deixar de voltar a nossa atenção a uma atitude evangelizadora de Irmão Carlos que é um carisma precioso adquirido num longo e doloroso processo. Irmão Carlos partiu para o Saara e os Tuaregs com uma enorme vontade de converter estes muçulmanos. Não teve êxito. Não converteu nem batizou ninguém. Antes de entregar-se ao sentimento de frustração ou mesmo de acusar os infiéis, ele questionou-se a si mesmo, desconfiando da sua pouca santidade. O seu fracasso apostólico, porém, o levou a uma atitude missionária, que, mais uma vez, é fundamentada na sua

convicção de que a longa vida oculta de Jesus em Nazaré é a atitude de Deus que se rebaixou para assumir tudo o que é humano. Vivendo este mistério de Nazaré dentro de si, chegou a descobrir e praticar a virtude mais sutil de quem quer evangelizar: o respeito para com os chamados infieis ou, nas categorias eclesiais atuais: os afastados e não-praticantes. Considerava todos eles que queria converter “...pessoas inteligentes e que de maneira alguma dever-se-ia atentar contra a sua liberdade; para fazer um muçulmano mudar de religião seria necessário que um cristão lhe inspirasse mais confiança que seus pais, seus amigos, os representantes da religião, tudo o que amou, respeitou e acreditou.” Irmão Carlos tornou-se, lentamente, mais realista e mais humilde, procurou não só constatar as razões da não-conversão. Entendeu que os modelos culturais que sustentam as pessoas não se substitui senão por bondade, amor e prudência. A sua percepção da encarnação de Deus em Nazaré o levou a descobrir o caminho da evangelização: a inculturação. É urgente que nós, no nosso mundo secularizado, das igrejas esvaziadas e das migrações dos neo-pagãos descomprometidos descubramos essa indispensável condição para evangelizar. Podia até acontecer que substituíssemos estes termos de “secularização”, “neo-pagãos”, “igrejas esvaziadas”.

Pessoalmente vejo neste carisma do Irmão Carlos um estímulo para o meu esforço pastoral, no meu lugar duma quase-paróquia nos confins do sertão nordestino. As pessoas não atendem às propostas duma vida paroquial que nunca tiveram, nem conheceram o seu sentido. Se não tiveram oportunidade para criar as tradições que nós do centro praticamos há gerações, como vão, de repente, mudar comportamentos só porque um sacerdote chegou a conviver com eles, que nem pergunta pelas tradições que também este povo tem. São, por assim dizer, os meus “Tuaregs” que devo conhecer, atrair, compreender na sua cultura e respeitar nas suas capacidades.

As intuições e carismas de Irmão Carlos assimilados na minha realidade, talvez podem, mesmo tarde, fazer de mim um companheiro dele, que tanto desejava ter, que com ele “vai ao fim do mundo para difundir o Santo Evangelho”.

Obs.: Os textos entre aspas são palavras do Irmão Carlos encontradas nos documentos biográficos dele. Como aqui não se trata de um trabalho científico, dispensamos das indicações bibliográficas detalhadas.